

BENZEDURA E MENTALIDADE: SOBREVIVÊNCIA DE UMA PRÁTICA  
HISTORICAMENTE ACUMULADA

Grayce Mayre Bonfim Souza

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

A benzeção é um importante elemento que faz parte da cultura popular do nosso país. Fazer uso de orações e simpatias para curar algumas doenças e/ou aflições é um tipo de conhecimento ainda bastante presente e difundida por todo o Brasil, em especial nas cidades do interior e na zona rural.

A benzedeira conhece rezas, remédios e simpatias. Por meios desses mecanismos trabalha no sentido de promover a cura em pessoas que sofrem de alguma doença como erisipela, espinhela caída<sup>1</sup>, dor de dente, dor de cabeça, mau-olhado<sup>2</sup> e outros tipos de males. Ela é considerada, e também se considera, portadora de um dom investido por Deus. Essas qualidades, dentre outras, são responsáveis pela legitimação e “eficácia” (mesmo que simbólica) dessa agente da medicina popular e, também, fazem com que tenha uma credibilidade cada vez maior perante a comunidade em que vivem.

O processo de ensinar e aprender na benzedura não ocorre de forma aleatória, pelo contrário, existem regras a serem obedecidas, cumpridas, tanto pelo mestre como pelo aprendiz. No caso das benzedadeiras da corrente católica – que é o centro de nossa pesquisa –, constatamos que as principais regras, ou melhor, as exigências, para iniciar-se no ofício são: acreditar no que está se propondo a fazer, ou seja, na benzeção; o aprendiz deve ter uma boa memória; reproduzir na íntegra as diversas orações para diferentes males, pois só assim pode ser evitada, na medida do possível, a mudança no sentido das palavras; socorrer a quem necessitar, independente de quem quer que seja; e a gratuidade do serviço, pois o dom é dado por Deus, como elas próprias dizem, e, portanto, esse serviço não deve ser cobrado.

A gratuidade da benzedura foi, nas entrevistas realizadas, um aspecto levantado por todas as benzedadeiras frente à pergunta acerca do preço que cobravam pela benzedura. A justificativa para o serviço gratuito foi quase sempre a seguinte: o dom foi dado por Deus e não lhes pertence, elas são apenas intermediárias para fazer o bem a quem necessitar. Contudo isso não impede que recebam alguns agrados (dinheiro, mantimentos...).

Elda Rizzo de Oliveira, em um artigo apresentado no Congresso da Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais (ANPOCS) de 1995, inicia o texto fazendo uma abordagem acerca do “chamamento para o dom”, ou seja, o processo inicial em que a benzedeira percebe que possui o dom de benzer. Esse processo pode se dar de várias maneiras, citaremos aqui apenas algumas.

Segundo as apresentações da referida autora, a percepção para as benzedeadas de que elas possuem o dom de benzer, pode ocorrer em circunstâncias bem diferentes, a saber: a constatação pode acontecer através de uma visão ou revelação por meio de um espírito ou uma divindade; pode ser mediante um “dom inato”; uma evidência e uma necessidade; pode iniciar como uma retribuição de uma graça alcançada, pagamento de uma promessa, por exemplo; pode ter recebido um aviso ou escutado uma voz; uma necessidade, ou mesmo uma preocupação em ajudar o próximo; uma herança deixada por sua mãe, avó ou outras pessoas mais próximas; ou ainda por meio de uma cura obtida.

Diante das observações realizadas no trabalho de campo na região, percebemos que a grande maioria das benzedeadas relata que a percepção inicial do dom ocorreu basicamente de duas maneiras: através de uma revelação, ou seja, mediante uma experiência mística; ou por meio de um aprendizado, uma herança de família ou mesmo ensinamento por intermédio de amigos.

No primeiro caso, a aprendizagem mediante uma “experiência sobre-humana”, o chamamento para o dom e o processo de aprendizagem é atribuído, basicamente, a uma “entidade sobrenatural”, geralmente, através da visita de um ou mais santos.

Quase todas as benzedeadas entrevistadas que fazem menção ao dom adquirido através de uma experiência mística, acreditam que o fenômeno ocorreu em um momento bastante específico: foram visitadas por santos ou outras entidades (um guia, por exemplo) que proporcionaram a cura, pois essas pessoas estavam passando por algum problema relacionado à saúde. Essa percepção do dom vem juntamente com a certeza de que haviam sido escolhidas por Deus para propiciar a cura e levar conforto a quem precisasse.

A segunda categoria é aquela em que estão inseridas as benzedeadas que receberam o dom por hereditariedade, ou seja, o poder de benzer e preparar soluções para curar determinadas doenças foi ensinada por um membro da família, ou por meio de amigos e/ou vizinhos. É bom deixar claro, e elas procuram enfatizar todo tempo, que apesar de terem adquirido o dom através do ensinamento, não se consideram inferiores àquelas que o receberam de uma divindade ou de um aviso. Apesar de terem sido ensinadas por outra benzedeadas, elas também se julgam portadoras de um dom dado por Deus e se consideram escolhidas, apesar dele (Deus) utilizar-se de outra pessoa, como mediadora, para o processo da aprendizagem.

A experiência vivenciada na descoberta do dom, ponto de partida para a prática da benzedura, é interpretada pelas benzedeadas como sendo uma dádiva divina, uma graça alcançada, e que por terem sido escolhidas, eleitas, elas passam a ter não apenas direito, mas também deveres e obrigações para com o grupo que representa. A benzedeadas se julga (e é efetivamente) um sujeito social de grande valia para o grupo social que ela representa e do qual faz parte.

Segundo constatação, mediante conversas informais e entrevista, percebemos que as benzedeadas, após a descoberta do dom e o processo de iniciação no ofício da benzedura, passam a acreditar que o acesso ao mundo sobrenatural, bem como a manipulação desse mundo, possibilita criar laços, pactos e contatos no campo do sobrenatural e no meio social, ou seja, uma relação muito próxima com Deus e com os homens.

O dom e o ofício da benzedeadas são atos de “filosofia popular”, a qual explica a origem, o processo de iniciação, e atuação no ofício. Não deve ser interpretado como algo distante e ultrapassado, mas como um fenômeno “vivido a cada instante” tanto pela pessoa que benze como por aqueles que a procura. Para Elda Rizzo de Oliveira<sup>3</sup>, a benzedeadas exerce uma profissão popular específica – uma “representação da realidade concreta”. A benzedura, não é uma atividade que ficou no passado, ela é atual, sendo renovada, modificada e reconstruída a cada tempo, tornando-se uma “realidade dinâmica”.

Na grande maioria das entrevistas, ficou bastante claro que o processo de aprendizagem/iniciação, a passagem de conhecimento e regras, se deram através da transmissão da mãe para a filha ou da avó para a neta e até mesmo casos de transmissão da sogra para a nora, bem como por intermédio de vizinhos ou amigos de forma espontânea.

Encontramos benzedeadas que, em um momento de enfermidade, apelaram para os poderes curativos dos santos, pagando a graça alcançada com uma promessa de aprender rezas preparar remédios para proporcionar curas em quem tivesse fé.

Esse tipo de iniciação, segundo Elda Rizzo de Oliveiras, é denominada de “iniciação autodidata”, pois o ponto de partida se dá mediante constatação feita pela própria pessoa que pretende iniciar-se e daí passa a procurar – entre vizinhos, amigos e parentes – benzedeadas que conheçam ensalmos e jaculatórias para que possa ensinar-lhe. Esse tipo de transmissão é fortemente regido pela tradição oral.

O processo de iniciação do ofício nem sempre se dá no momento da revelação do dom. Muitas benzedeadas levam meses e até anos para terem clareza de que realmente deve percorrer essa trilha. Muitas, por receberem a revelação muito cedo, ainda enquanto crianças, só começam a exercer esse ofício depois da idade adulta. Isso ocorre por motivos bem diversificados: pelo fato de serem muito jovens e não haver um respaldo por parte da família ou da comunidade e por serem tão jovens, a credibilidade futura pode ficar ameaçada. Sendo assim, o processo de legitimação social, processo este que garante a sobrevivência da benzeção, pode ser inviabilizado.

Um outro fator que merece esclarecimento é a insegurança por parte da pessoa que vai iniciar-se. A falta de conhecimento a assusta, pois para se tornar uma benzedeadas, ela precisa ter um vasto conhecimento de rezas para cada tipo de doença, além do domínio das propriedades terapêuticas de alguns tipos de ervas e raízes. Esse conhecimento só pode ser adquirido com o tempo e a prática,

principalmente no que se refere à preparação de remédio que geralmente são receitados após o ritual da benzedura. Enfim, a benzedeira não pode ser – e na sua grande maioria não é – uma pessoa desprovida de conhecimentos empíricos dos instrumentos necessários ao seu ofício.

Mais dois fatores são importantes para ajudar a compreender melhor o ofício das benzedei­ras da região que propomos estudar. O primeiro deles é que as formulas oracionais e preparo de medicamentos não são direcionados apenas para proporcionar o bem estar de pessoas, mas também podem intervir nas plantações e nas doenças de animais<sup>4</sup>. Com isso elas se tornaram essenciais à sobrevivência das pessoas simples que vivem da terra. O outro fator é a carência que a maior parte da população rural tem em relação à assistência médica. Hospitais lotados, grandes filas nos postos da Previdência e remédios caros aumenta a procura dos serviços e da boa vontade das benzedei­ras.

As benzedei­ras não escolhem tipos de situações nas quais devem interferir. Todas as doenças e aflições são importantes para elas, caso sejam procuradas. Contudo existem aquelas que elas julgam de interferência direta do benzedor; aquelas que, segundo depoimentos, médico não resolve.

Na realização da benzeção e do processo de cura mediante administração de algumas fórmulas, a benzedeira apela para o domínio da religião e o da medicina popular.

Quebranto e mau-olhado, cobreiro<sup>5</sup>, engasgamento, erisipela<sup>6</sup>, dores de dente, dores de cabeça e outras doenças mais, males que afligem uma parte considerável da população brasileira, são também um campo de atuação das benzedei­ras. No ritual da benzeção, através das rezas, elas invocam os poderes curativos dos santos com a convicção de que estes irão atender os seus pedidos, pondo fim àquelas dores que maltratam os seus clientes.

Recorrer aos poderes curativos dos santos com o intuito de promover a saúde, como bem coloca Márcia Moisés Ribeiro<sup>7</sup>, é uma herança do catolicismo medieval – ou mesmo antes disso – e muito difundido no Brasil durante o período colonial. Essa tradição, como iremos demonstrar a seguir, é ainda bastante utilizada em nossos dias. Os santos representam uma intermediação entre Deus e os homens.

Os termos contidos nas orações para esses males quase sempre recorrem aos poderes dos santos. Mediante análises comparativas das entrevistas, com benzedei­ras da região, que fazem menção ao sagrado, podemos verificar que há uma variedade de santos para tipos específicos de doenças e mesmo santos responsáveis por mais de um mal, ou mais de um santo para uma única doença, a exemplo de São Roque e Santa Apolônia para dores de dente; São Roque e Santa Maria para as dores de cabeça. Estes são apenas alguns exemplos.

Para melhor compreender como se deu (ou ainda se dá) essa variação de santos e especialidades curativas, achamos por bem recorrer a Marc Bloch – em “*Os reis taumaturgos*” – pois, ao fazer uma comparação dos poderes taumatúrgicos dos reis da França e da Inglaterra de curar as escrúfulas com as especialidades curativas dos santos, esclarece que:

“A maioria dos santos verdadeiramente populares também possui seus talentos específicos: as pessoas dirigem-se a um deles rogando-lhe que cure os males dos olhos; a outro pedem que remedeie os males do ventre; e assim por diante. Mas, até onde se pode ver, essas especializações raramente estão lá desde o início; a maior prova está em que às vezes elas variam. Todo santo passa por médico junto ao povo; pouco a pouco, em virtude de associações de idéias freqüentemente obscuras, algumas vezes por um simples calembur, seus fiéis acostumam-se a atribuir-lhe o dom de mitigar sobretudo esta ou aquela enfermidade; o tempo faz sua obra; ao fim de certo número de anos, a crença nesse poder bem determinado tornou-se no pobre mundo dos sofredores um verdadeiro artigo de fé”.<sup>8</sup>

Como podemos perceber, os santos eram, e ainda são, considerados como miraculosos, portadores de poderes sobrenaturais capazes de remediar enfermidades e sofrimentos em geral. As pessoas acionam suas crenças com o intuito de restaurar a harmonia no corpo que foi afetado pela doença. Assim, cada santo possuía poderes para curar males específicos.<sup>9</sup>

Para melhor elucidar essa questão, optamos por utilizar o exemplo de Santo Apolônia, que é uma santa protetora dos que sofrem de dores de dente (a mais invocada nas benzeções encontradas nas entrevistas). Essa devoção pode ser justificada pela história de sua vida. Apolônia viveu em Alexandria e foi condenada a ser queimada viva no ano de 248 d.C. e antes da execução todos os seus dentes foram extraído com seixos e lhe martirizaram todo o rosto. Os dentes se tornaram santas relíquias e foram distribuídos por diferentes Igrejas da Cristandade.

O martírio de Santa Apolônia foi tão violento que são encontradas em Breviários de várias Igrejas da Europa, orações que têm por objetivo pedir a intercessão de Deus para conceder a cura de todos aqueles sofredores de dores de dente e de cabeça, que supliquem pelos poderes dessa santa. Camara Cascudo<sup>10</sup> apresenta uma dessas orações encontrada em uma igreja de Colônia, na Alemanha:

“Ô Deus, por amor de quem a bem-aventurada Apolônia, Virgem e Mártir, sofreu com tanta constância, que se lhe arrancassem todos os dentes; nós vos suplicamos nos concedais que todos aqueles que imploram a sua intercessão sejam preservados das dores de cabeça, e dos dentes, e que depois das misérias deste desterro, vós lhes façais a graça de chegar à glória eterna. Por nosso

Senhor Jesus Cristo vosso Filho, que sendo Deus vive e reina convosco em a unidade do Espírito Santo, por todos os séculos dos séculos. Amém.”<sup>11</sup>

Invocar Santa Apolônia para defender seus devotos das dores de dentes é uma tradição antiga e difundida por toda a Europa e no Brasil (ainda no período colonial), chegou por meio dos Portugueses e mesmo hoje – como pode ser observado através de entrevista que faz referência à santa Pelonha (Apolônia)<sup>12</sup> – resiste ao tempo.

As orações utilizadas pelas nossas benzedoras, invocando os santos ou não, são geralmente repetidas por três vezes, como sendo o primeiro procedimento da benzedura. Caso seja necessário, elas pedem aos doentes que retornem para que a benzeção seja repetida por mais duas vezes em dias determinados por elas. E por fim a administração de medicamentos preparados – pelas mesmas ou mediante ensinamento – à base de folhas, ervas e raízes para que sejam usados na dependência da gravidade da moléstia.

É nesse momento que as benzedoras colocam em prática os seus conhecimentos medicinais daquilo que a natureza lhes oferece: propriedades vegetais – em maior escala –, animais e minerais. Esse é o apelo para domínio da medicina popular. Parte das benzedoras entrevistadas disseram que são grandes conhecedoras das propriedades terapêuticas das ervas e raízes.

Vários são males, bem como são seus graus de gravidade, suas interpretações e fórmulas oracionais. Doenças de longa duração, de duração limitada ou ainda aquelas que não são clinicamente classificadas. Núbia P. de Magalhães Gomes e Edimilson de Almeida Pereira, no livro *Assim se benze em Minas Gerais*, têm uma abordagem interessante acerca das chamadas doenças auto-limitadas, ou seja, aquelas moléstias que têm uma duração específica, com prazo para aparecimento de desaparecimento, a saber:

“Podemos considerar doenças de duração específica manifestações dermatológicas (fogo selvagem, erisipela, sapinho, cobreiro), processos inflamatórios (unheiro, terçol, bicheira, coqueluche, peito arruinado, dor de dente) e distúrbios causa-efeito, isto é, as conseqüências óbvias de um fator determinante (queimadura, destroncamentos, engasgamento, envenenamento, cisco no olho, sangramento de acidente, azia, dor de cabeça)”.<sup>13</sup>

Apesar de todo avanço da medicina hoje nas sociedades modernas, a benzedura ainda é um elemento forte na cultura das regiões do interior do Brasil, e, não obstante todas as dificuldades de perpetuação, ainda são bastante procuradas. Entretanto, percebemos (por meio das entrevistas) que o ofício não está sendo transmitido com a mesma freqüência ou facilidade que outrora. Ao

perguntarmos às benzedoras acerca da reprodução do conhecimento – filiação “mágica” -, as respostas foram quase sempre às mesmas: a juventude moderna não crê mais nos conhecimentos dos antigos.

Em todo o corpo do trabalho, fizemos referências às benzedoras ao invés de benzedores. Isso se deve ao fato de que a benzedura, comprovadamente, é um ofício exercido majoritariamente por mulheres – na grande maioria, senhoras com idades acima de cinquenta anos; fato verificado pelo nosso diagnóstico. O perfil feminino da benzedura é inquestionável não apenas na localidade em estudo, mas em quase todas as regiões do Brasil com que tivemos contato através livros e relatos de experiências.

A benzedura, enquanto um fenômeno presente na mentalidade de parte da população de nossa região, resiste às transformações e à modernidade que os novos tempos apresentam. Ensalmos, jaculatórias e procedimentos curativos à base, essencialmente, de plantas medicinais rompem preconceitos, barreiras de espaço e de tempo, e perpassam gerações – através da transmissão oral – com pequenas modificações. A valorização da vida, a defesa e reflexão das tradições e das crenças, uma visão de mundo partilhada com seus pares, são formas de veiculação do saber acumulado pelos agentes da benzedura. Penetrar nesse universo foi essencial para a compreensão que hoje temos dos seus significados e representações.

Enveredar por esse mundo da benzedura foi o que mais nos permitiu perceber os motivos que levam quotidianamente pessoas de diferentes segmentos sociais procurarem os serviços das benzedoras e acreditarem que elas possuem poderes sobrenaturais dados por Deus, e por isso mesmo capazes de interceder junto a ele, para aliviar os seus problemas, sejam de ordem física, emocional ou social. A legitimação e conseqüentemente a sobrevivência desse tipo de prática na região está intrinsecamente ligada às ações diretas dessas terapeutas populares, bem como a forte religiosidade presente na sua clientela.

## NOTAS

---

<sup>1</sup> A espinhela é o nome vulgar do apêndice xifóide, uma cartilagem localizada na porção terminal do osso esterno. Ocorrendo anormalidades na calcificação dessa cartilagem, estas estimulariam seu encurvamento sobre o epigástrico, e daí provocando as alterações relatadas pelos doentes. O mal é identificado vulgarmente como espinhela caída.

<sup>2</sup> O quebranto e mau-olhado são males para os quais, segundo explicações produzidas pelas benzedoras, não existem remédios, apenas a reza pode curar. Os remédios que podem ser utilizados são apenas mecanismos (por assim dizer,

acessórios) para eliminar os efeitos da força que vem dos olhos: mal estar, moleza no corpo, falta de apetite, vômito, diarreia e outros.

<sup>3</sup> OLIVEIRA, Elda Rizzo de. **Doença, cura e benzedura: um estudo sobre o ofício da benzedeira em Campinas**. Campinas: s.n., 1983. (dissertação de mestrado pela Universidade Estadual de Campinas).

<sup>4</sup> Este é uma característica bastante presente na atuação das benzedeiros da zona rural da região de Vitória da Conquista.

<sup>5</sup> O cobreiro (ou cobrêro) é uma dermatose, cientificamente identificada como *herpes-zoster*. Esta doença é uma infecção gerada pelo herpesvirus varicellae, caracterizada por erupções de vesículas na pele, com fortes sensações de queimaduras e em alguns casos dores muito constantes. A herpes-zoster é muito comum em pessoas que tiveram catapora e que não foram totalmente imunizados, ou seja, o vírus permaneceu em estado latente no organismo. É uma erupção cutânea.

<sup>6</sup> Doença é caracterizada por uma inflamação aguda da pele, atingindo na grande maioria das vezes os membros inferiores, tendo como sintomas febre alta, calafrios e uma vermelhidão cutânea.

<sup>7</sup> RIBEIRO, Márcia Moisés. **A ciência dos trópicos – A arte médica no Brasil do século XVIII**. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

<sup>8</sup> BLOCH, Marc. **Os reis taumaturgos: o caráter sobrenatural do poder régio, França e Inglaterra**. São Paulo: Cia. das Letras, 1993, p.: 59.

<sup>9</sup> Santa Luzia para curar doenças dos olhos; São Lázaro protetor dos leprosos e assim por diante.

<sup>10</sup> CASCUDO, Luis da Camara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984, p.: 66.

<sup>11</sup> Oração semelhante a essa foi encontrada no livro de Márcia Moisés Ribeiro, no capítulo referente Magia permitida e práticas ilícitas do seu livro *A ciência dos Trópicos*.

<sup>12</sup> “Senhora santa Pelonha /estava sentada na sua pedra de ouro fino /chorando e se mal dizendo. /Passou São Clemente /Que é que tem, Pelonha? /Dor de dente, senhor. /Quer que reze, Pelonha? /Quero sim, senhor. /Pelonha, /assim como o sol é nascente, /o sol é poente, /vai passar essa dor de dente, /nas horas /de Deus, senhor São Clemente”. (dona Laurência – benzedeira residente na cidade de Vitória da Conquista).

<sup>13</sup> GOMES, Núbia Pereira de Magalhães & PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Assim se benze em Minas Gerais**. Juiz de Fora. EDUFJ / Mazza Edições, 1989 (Minas & mineiros, 2), p.: 27.